

# Constituição do Bulldog Francês

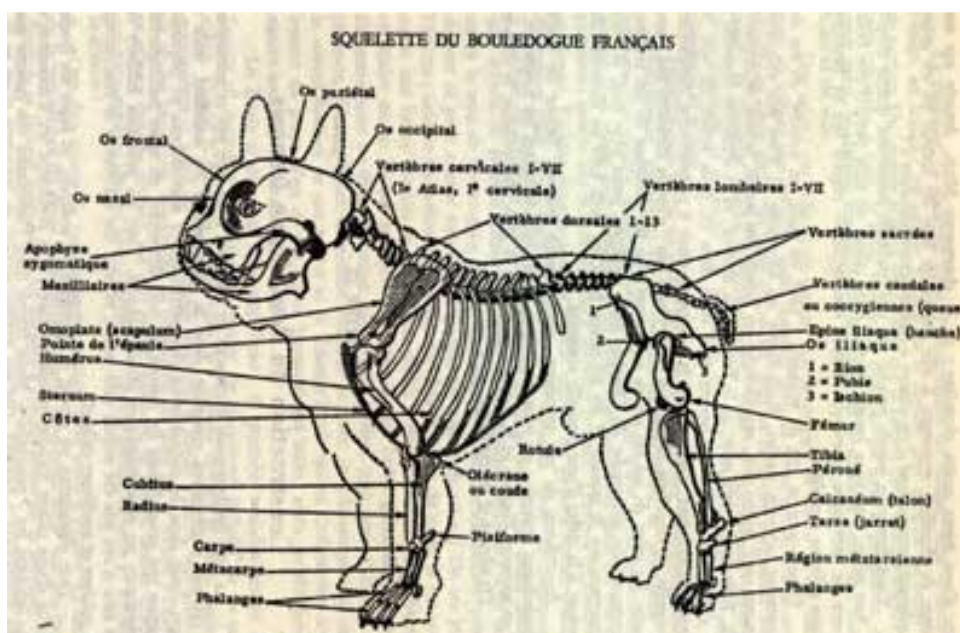
## Parte 1

Os fundamentos necessários para a manutenção de um tipo de cão puro e homogêneo não se encontram no conhecimento do padrão da raça apenas. Mas também no conhecimento das particularidades de movimento e fisiologia que são manifestados na movimentação e em todas as outras características fisiológicas. Os primórdios foram difíceis e ainda hoje encontramos muitos dos mesmos problemas quando buscamos melhorar a raça.

Um número excessivo de pessoas não sabe avaliar, analisar ou apreciar um Bulldog Francês por falta de um critério razoável: elas podem saber “como”, mas não o “porque”.

Faremos, pois um inventário das razões anatômicas que dão ao nosso Bulldog Francês seu aspecto e sua estrutura, e que justificam as palavras de Mde. De Conmings: “Um Bulldog Francês deve parecer-se com um Bulldog Francês e nada mais”.

A estrutura do esqueleto não é diferente da de outras raças, somente as proporções dos ossos mostram um tipo marcante de encurtamento no Bulldog Francês e em alguns outros cães. Entre eles se encontram: o Pug, o Bulldog Inglês e, em menor grau, o Boston Terrier. No entanto, estas raças efetivamente apresentam diferenças típicas no desenvolvimento do esqueleto que as diferenciam.



Ao examinar o esqueleto do Bulldog Francês nós observamos que a primeira impressão estética de sua constituição é uma construção extremamente compacta e quadrada.

Primeiramente: as articulações (como as de todos os cães) do ombro e da pélvis não encaixam perfeitamente, assim como no homem, com suas “cabeças e acetábulo” articulares. As cabeças dos ossos são menos pronunciadas e a articulação se mantém no lugar exclusivamente pelos tendões e músculos. Se o aparato locomotor muscular tem problemas (enfermidade, fratura, etc.) o cão dará a impressão de estar “desarticulado”: os tendões e músculos já não asseguram o encaixe da cabeça do osso e seu acetábulo. Em um cão de ossatura mais leve, isto se torna menos aparente que em nossos mais fortemente construídos Frenchies. Muitos dos problemas de movimentação são devidos a uma falta de exercício, de caminhar: a solidez do mecanismo articular depende muito de um bom desenvolvimento muscular.

Falaremos inicialmente das partes do esqueleto que delimitam a coluna vertebral: a cernelha e os quadris. Estas são formadas pelos ossos da escápula e os da crista da pelve, respectivamente. Sobre eles se apóiam todas as forças do movimento.

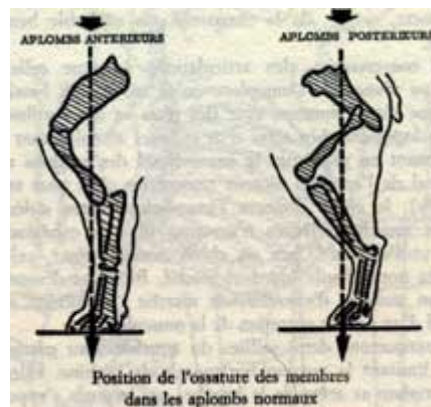
Ressaltamos que a ossatura da parte anterior é mais maciça que a da posterior. Os membros dianteiros servem de apoio inicial; o centro de gravidade passa pelo primeiro terço do corpo, em pleno peito, assim a ossatura dos membros anteriores deve suportar dois terços do peso total do corpo. Recordemos que o cão é um digitígrado, isto é, que caminha apoiando-se sobre os dedos.

Aparece, às vezes, no Bulldog Francês uma depressão das articulações da pata, devido a uma calcificação deficiente que se manifesta em uma movimentação onde muito peso é colocado sobre as patas traseiras e na conseqüente má postura.

A força muscular não pode ser corretamente transmitida sem que todos os músculos, tendões e articulações sejam em si mesmo corretos. Daí a grande importância que tem a solidez de todas as articulações em um cão particularmente pesado, portanto susceptível ao desequilíbrio.

Os dois membros anteriores são os que sustentam o cão. Devem ser fortes, retilíneos e bem apurados. A linha de aprumo deve sair da pata, na base, e passar pela parte superior da escápula. Esta última é um osso plano, oblíquo, bastante volumoso e que se sente facilmente ao tato.

Os membros posteriores fazem o trabalho de propulsores. Sustentam o corpo e transmitem o movimento apoiados sobre o íliaco. O aprumo deste membro posterior é uma linha vertical que tem sua base nos dedos do pé e ascende passando um pouco antes da articulação do fêmur com o osso íliaco.



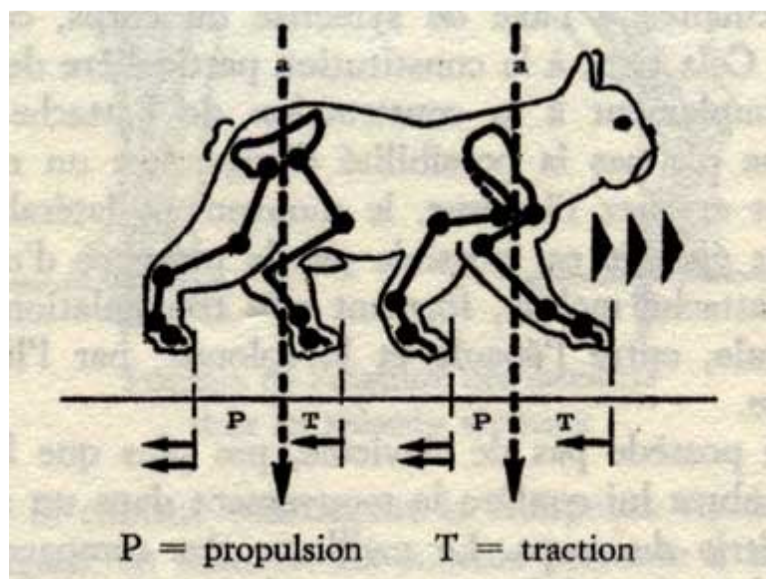
A construção em “espelho” da ossatura superior dos membros assegura o equilíbrio e a leveza da marcha, devido à divisão das ações musculares de ambos os aprumos: se as patas dianteiras lançam mais que empurram, as de trás empurram mais que lançam.

A massa corporal do Bulldog Francês se distribui sobre uma área bem definida desenhada por um trapézio cujo lado maior é representado pelos membros anteriores, que suportam os dois terços do peso total; e, o menor, pelos membros posteriores, que suportam o terço restante. Podemos deduzir, pelas patas anteriores mais grossas, que estas não só lhe servem de apoio como também formam parte importante da locomoção. O Bulldog Francês é um pouco como o modelo “tração nas quatro patas” das raças caninas.



Observando o movimento do esqueleto no transcorrer da marcha livre, vemos que este contrabalanceamento natural provoca um movimento contrário nas escapulas e na pélvis com uma ligeira torção da coluna vertebral sobre seu eixo. É precisamente este deslocamento dos membros que dá ao Bulldog Francês seu característico andar reboativo. Todas as marchas anormais (exceto as produzidas por problemas cerebrais e de nervos) resultam de uma estrutura deficiente (cotovelos retos, pés de lebre, etc.) ou de traumatismo.

A influência do crescimento é com freqüência determinante. A melhor ou pior calcificação do esqueleto ao longo dos primeiros 18 meses repercute em grande parte sobre o aspecto geral do cão.



As pegadas sobre a areia, a neve ou a terra molhada nos informam sobre a forma de caminhar. O movimento normal é livre: as partes dianteira e traseira se deslocam quase simultaneamente. No deslocamento, as patas dianteiras e traseiras deixam o solo separadas no tempo por alguns décimos de segundo. Este curto pequeno espaçamento no tempo permite a nosso pequeno e maciço Bulldog Francês manter o equilíbrio. A compensação muscular resultante é refletida no balanço de sua forma de caminhar.



Doble huella / Double tracking

A marcha muito lenta, andadura, já não é um movimento cruzado, é o deslocamento de dois membros do mesmo lado.

Quanto à corrida, esta é cheia de pulos sucessivos. As duas patas traseiras atuam praticamente juntas, empurram o corpo para frente e deixam o solo bem depois que as patas anteriores. Estas últimas propulsionam o corpo para frente ao cair (fim do salto) enquanto as de trás se encolhem embaixo do ventre.

## Parte 2

O Bulldog Francês, quando visto de perfil corresponde a um quadrado, cujas arestas vamos chamar de I, II, III e IV.

A linha vertical que vai de I ao II passa em frente à pata anterior, continua através do centro do peito e termina no início do pescoço, de acordo com cada indivíduo.

A linha vertical que vai de III ao IV marca o final do quarto traseiro, o jarrete e parte de trás do pé.

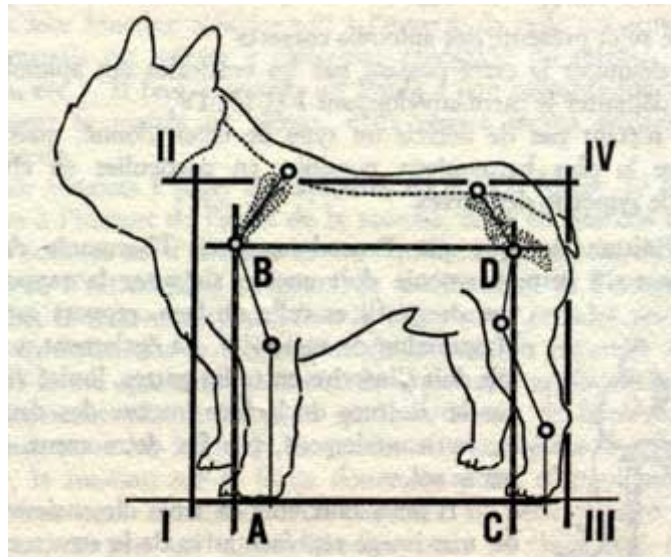
A linha horizontal de II a IV marca o centro do dorso.

Um segundo quadrado formado dentro do primeiro, chamado de “vetor de ponto de apoio do peso A, B, C, D” é formado por:

A vertical AB que passa através da pata, em frente ao metacarpo, através do membro, e termina na articulação do ombro.

A horizontal BD vai da articulação do ombro à articulação do fêmur com a pelve.

A vertical CD passa por trás do fêmur, em frente ao metatarso e termina na pata.



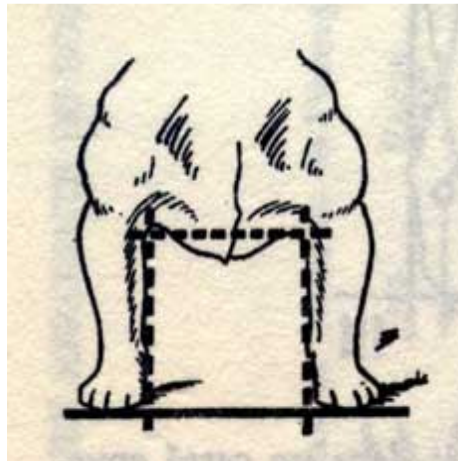
Reduzindo assim a silhueta do cão a estas formas geométricas vemos melhor as proporções relevantes.

Nosso *Boule* é um cão de linhas complexas. A busca sistemática pelas corretas “linhas de sustentação do peso” é o ponto mais importante para qualquer juiz. Quando temos os pontos B (o ponto imediatamente abaixo da escápula) e D (a posição da articulação do quadril) determinados, então nós podemos ver rapidamente:

1. Se o peso está corretamente distribuído
2. Marcados os limites de ambos os quadrados, o externo I, II, III, IV e o interno A, B, C, D

A importância não está na definição de certo tipo de cão, mas na procura do cão mais harmonioso possível. Em particular, na busca de onde o eixo de simetria destes dois quadrados é refletido.

A definição do tipo pelo conjunto ou harmonia destes não é tudo. A esta harmonia que vemos no perfil deve ser acrescentado o que é visto de frente, uma vez que esta determina a robustez do cão. Aqui, também podemos ver um quadrado perfeito, que deve ser visível entre as pernas. Os lados verticais devem ser limitados pelos membros, que devem ser retos, e os horizontais pelo solo e a linha que une as axilas.



Precisamos visualizar as três dimensões para obter uma representação das estruturas internas e externas, de forma a reconhecer a constituição do esqueleto sob a pele e a musculatura. Um esqueleto “fraco” coberto por uma boa musculatura irá sempre mostrar articulações que são demasiado frágeis para o conjunto: é precisamente nas articulações onde podemos ver a estrutura óssea. A relação entre a massa óssea e desenvolvimento muscular é óbvia ao toque. Um cão gordo não é necessariamente um cão com boa musculatura, e uma constituição óssea leve (fina) combinada com um desenvolvimento muscular normal levará a membros relativamente leves (finos).

Nossa definição de “linha de sustentação do peso”, levando isto em conta, é a seguinte: "a posição normal das pernas sob o corpo". A função primária é encontrar um equilíbrio natural, tornando assim o movimento fácil. Um cão bem balanceado com uma estrutura compacta não pode ser bem definido, a menos que os membros anteriores sejam devidamente contrabalanceados pelos posteriores.

A linha de sustentação do peso deve sempre ser avaliada com o cão em repouso, tanto de perfil como de frente. O movimento deverá se mostrar harmônico em todos os aspectos. Regularidade do movimento, equilíbrio, elegância de marcha, todos estes são devidos a uma correta linha de sustentação do peso. Se estiver correta, então temos a impressão de uma marcha flutuante. O Frenchie parece "andar sobre nada", o chão parece surgir do nada sob seus pés. Esta é exatamente a conduta que o padrão descreve, a exata marcha “digitigrada”. Um defeito vertical nessas linhas é visto como um movimento ruim. Contudo, se é razoavelmente fácil de detectar nos membros anteriores, nos posteriores, não é tão simples. Este são sujeitos a maiores disparidades (relevo acidentado, efeitos psicológicos, etc.), de forma que um Boule deve ser treinado para se apresentar bem para que suas virtudes brilhem acima de seus defeitos.

O problema é que freqüentemente julgamos estes quadrados quando o cão já vinha ficando na posição de “stay” por algum tempo. Se, do contrário, nós observarmos a posição logo após o cão cessar o movimento (“stay” livre), nós teremos uma idéia muito mais clara da estrutura óssea e de quanto esta é balanceada. O movimento nos mostra os pontos de articulação. No momento em que ele para, a posição assumida pelo cão irá mostrar-nos o seu ponto de estabilidade natural em repouso. Mas esta posição natural é artificialmente corrigida em pista pelo handler, em uma tentativa de esconder os defeitos; por vezes faz-se o cão inclinar-se para trás para esconder “tornozelos retos” (straight hock joints). Só após ver o cão em movimento podemos ver claramente as “linhas de sustentação” em repouso, depois de ter em mente o que o movimento nos mostrou. Então poderemos julgar a harmonia da forma geométrica das linhas I, II, III, IV e A, B, C, D.



Ch Dogwood Impromptu. 1971

"Le Bouledogue français". Emmanuel-P e Anita-L. Gay. Suíça.1967

Tradução: Taís Santos  
Colaboração: Floriano Paes Silva Junior